

Universidade de São Paulo – Faculdade de Educação
Seminários de Estudos em Epistemologia e Didática
Coordenador: Prof. Nilson José Machado
Outubro de 2009

PALAVRA E DIALOGIA EM ROBINSON CRUSOÉ

Responsável: Stela Maris Fazio Battaglia

Título original: “The Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoe, of York, Mariner: That lived Eight and Twenty Years all alone in na uninhabited Island on the Coast of America, near the mouth of the Great River Oroonoke; Having been cast on the Shore by Shipwreck, wherein all the Men perished but himself, With na Account how he was at last as strangely deliver’d by Pirates. Written by himself. (“A vida e as pasmosas, surpreendentes aventuras de Robinson Crusoé, marinheiro de York; Que viveu vinte e oito anos completamente só em uma ilha desabitada na costa da América, perto da foz do grande rio Orinoco; Atirado na praia por um naufrágio, no qual morreram todos, exceto ele, Com um relato de como foi afinal curiosamente libertado por piratas. Escrito por ele mesmo”). Foi publicada em 1719 e constava de uma trilogia. O segundo volume intitulava-se “The Farther Adventures of Robinson Crusoé: Being the Second and Last Part of his Life” (“As novas aventuras de Robinson Crusoé: Sendo esta a segunda e última parte de sua biografia”), editada no mesmo ano. Em 1720 Defoe publicou “Serious Relections during the Life and Strange Surprizing Adventures of Robinson Crusoé: With his Vision of Angelick World” (Reflexões graves de Robinson Crusoé, quando vivo, sobre as suas pasmosas, surpreendentes aventuras: Com sua visão do mundo angelical).¹

Autor: Daniel Defoe (1660-1731). Jornalista inglês que conduziu o jornal “The Review” (1704-1713). Escreveu sobre diferentes assuntos: política, religião, história, geografia, filosofia, viagens, economia, magia, educação, moral, direito, pirataria,

¹ Os títulos e traduções foram retirados de Watt, I. Mitos do individualismo moderno. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

muitas vezes usando pseudônimos. Seguidor da religião puritana, era um dissidente frente à igreja oficial, anglicana. Fazia uso da ironia:

From this amphibious, ill-born mob began,
That vain ill-natured thing, an Englishman.

Dessa turba anfíbia e mal-nascida se fez
Esse ser vaidoso e ranzinza: o inglês.

And of all plagues with which mankind are curst,
ecclesiastic tyranny's the worst.

E, de todas as pragas de que a humanidade é acometida
A tirania eclesiástica é a mais sofrida.

Whenever God erects a house of prayer,
The devil always builds a chapel there;
And 'twill be found, upon examination,
The latter has the largest congregation.

Sempre que Deus ergue uma casa de oração,
O demônio constrói uma capela no mesmo chão;
E se constata com cuidadosa visão
Que a congregação do último tem maior amplidão

Contexto histórico: Ascensão econômica da Inglaterra como nação capitalista; momento de conflitos políticos (alternância de partidos no Parlamento (Whigs e Tories); questões de expansão do Império. Tempo do Iluminismo, com concepções do predomínio da razão, do poder do indivíduo e da ideia do progresso histórico em escala ascendente. Concepção de uma sociedade de classes, com um tempo individual diferenciado, contraposto a um tempo coletivo e a um espaço público.

A obra dentro de uma cadeia discursiva: Rousseau considerava a obra *Robinson Crusoe* uma obra de formação; Karl Marx comenta-a em duas obras de sua autoria: “The Poverty of Philosophy” e “Grundrisse”; Ian Watt concede-lhe um lugar de mito do individualismo moderno; Roland Barthes incorpora-a em seu corpus de

pesquisa sobre a idiorritmia (empreendimentos que conciliam ou tentam conciliar a vida coletiva e a vida individual, a independência do sujeito e a sociabilidade do grupo). Grandes autores como Virginia Woolf, James Joyce, Carlos Drummond de Andrade fazem referência a Robinson Crusoé. A obra também é objeto de estudos e teses.

Proposta do seminário: baseada na tese de doutorado intitulada “ Questões de linguagem na obra Robinson Crusoé: a dialogia da palavra na vida solitária”.

Resumo da tese: Esta tese apresenta um estudo sobre a criação literária de Daniel Defoe, Robinson Crusoé, escrita em 1719. Seu estatuto de obra clássica com inúmeras adaptações insere-a numa cadeia discursiva de porte extraordinário, na qual o personagem revela-se um mito. O presente estudo, alicerçado no conceito de compreensão criadora de Mikhail Bakhtin, buscou uma ampliação de sentidos na análise do objeto empírico, com os seguintes objetivos: questionar um possível uso de obras clássicas como fetiches, o esvaziamento de seus sentidos e averiguar a hipótese de Robinson Crusoé ser um protótipo do homem como ser de linguagem, metalinguístico. O levantamento de tal hipótese foi possível pela concepção da dialogia da linguagem, entendida no conceito do Círculo de Bakhtin. A metodologia utilizada constou de sucessivas leituras da obra em questão, seleção de atos de linguagem expressos pelo personagem e sua categorização. A partir daí foram buscadas as representações do Outro nos enunciados de Robinson durante o período de seu total isolamento na ilha em que naufragou; a procura foi norteada pelo conceito da constituição dialógica da palavra, dado que no contexto de enunciação não havia presença real de interlocutores. Como forma de enfatizar o caráter dialógico da linguagem realizou-se, também, uma seleção de marcas do Outro no relato autobiográfico do personagem (a obra em seu todo), algumas delas explicitamente visualizadas. As reflexões de diferentes autores acham-se presentes neste estudo: Roland Barthes, Michel de Certeau, Jeanne Marie Gagnebin, Ivonne Bordelois, Zygmunt Bauman, Dominique Maingueneau, Fernando Savater, David Olson, George Steiner. Os resultados do trabalho atestam a propriedade da hipótese formulada e demonstram a força da linguagem na vida humana, confirmando a necessidade de valorização da palavra em meio à crise cultural presente na modernidade líquida.

Palavras-chave: Dialogia da linguagem. Robinson Crusoé. Daniel Defoe. Obra clássica. Literatura infantil e juvenil.

Bibliografia:

BAKHTIN, M. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. 9.ed. São Paulo: Hucitec, 1999. 196 p.

BARROS, D. L. P. de ; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia , Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. 2ed. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003. 81 p.

BARROS, D. L. P. de. Contribuições de Bakhtin às Teorias do Discurso. In: BRAIT (org.) **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 365 p.

BARTHES, R. **Como viver junto: simulações romanescas de alguns espaços cotidianos: cursos e seminários no Collège de France, 1976-1977**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

BRAIT, B. **A personagem**. 8ed. São Paulo: Ática, 2006. 95 p.

_____ (org.) **Bakhtin dialogismo e construção do sentido**. 2ed. rev. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2005. 365 p.

BRAIT, B. (org) **Bakhtin conceitos- chave**. 2 ed. São Paulo: Editora Contexto, 2005. 223 p.

_____ (org) **Bakhtin outros conceitos-chave**. São Paulo: Editora Contexto, 2006. 263 p.

_____. As vozes bakhtinianas e o diálogo inconcluso. In: BARROS, D. L. P. de ; FIORIN, José Luiz (orgs.). **Dialogismo, Polifonia , Intertextualidade: Em torno de Bakhtin**. 2ed. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2003. 81 p.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001. 254 p.